

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA
TERMINALIDADE - LINGUAGEM

ANDERSON RODRIGO KLUGE

MINHAS CRENÇAS, MINHA RELIGIÃO

Florianópolis - SC, 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA
TERMINALIDADE - LINGUAGEM

ANDERSON RODRIGO KLUGE

MINHAS CRENÇAS MINHA RELIGIÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da
Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa
Catarina - UFSC

Orientadora: Prof^a. M^a. Walderes Coctá Priprá

Florianópolis 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Kluge, Anderson Rodrigo
Minhas Crenças, Minha religião / Anderson Rodrigo Kluge
; orientador, Walderes Coctá Priprá, 2020.
37 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Espiritualidade Laklãnõ/Xokleng . 3.
Evangelização indígena. 4. Etnosaberes, Ancestralidades. 5.
fortalecer a cultura.. I. Priprá, Walderes Coctá. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLÉGIO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA
MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 12 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 13:00 horas, na Sala 323 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor Orientador WALDEMAR COSTA PEREIRA e Presidente, Professor YACUÍ CARVALHO Membro da Banca, e Professor, SILVIA MARIA DE OLIVEIRA Membro da Banca, designados pela Portaria nº 33 2020/HST/CPH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico ANDERSON RODRIGO KLUGE subordinado ao título: MINHAS CRENÇAS, MINHA RELIGIÃO

Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor YACUÍ CARVALHO a nota final 10,0 do Professor SILVIA MARIA DE OLIVEIRA a nota final 10,0 e do Professor WALDEMAR COSTA PEREIRA, a nota final 10,0; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF/A e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 12 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. YACUÍ CARVALHO

Prof. YACUÍ CARVALHO

Prof. WALDEMAR COSTA PEREIRA

Candidato Anderson Rodrigo Kluge



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) Anderson R. Kugel, matrícula
n.º 161659/6, entregou a versão final de seu TCC cujo título é
Monjas (Re)cas, Minha Religião com as devidas correções sugeridas pela
banca de defesa.

Florianópolis, 28 de FEVEREIRO de 2020.

Waldires Costa Pereira

Orientador(a)

Sumário

Resumo.....	4
Dedicatória.....	5
Agradecimentos.....	6
Prefácio.....	9
Introdução.....	11
CAPÍTULO 1. Cosmologia Laklãnõ/Xokleng e o Sagrado.....	13
1.1 Crenças Sagradas Laklãnõ.....	15
1.2. Aves sagradas.....	17
1.3 Vãnh ve - sonhos ou visões.....	18
CAPÍTULO 2. Os Ritos De Passagens, O ritual de previsões na sociedade Laklãnõ/Xokleng e as interferências da colonização.....	21
2.1. O ritual de previsão <i>Kóplág</i>	21
2.2. Vãnhkomã: Ritual do Luto	25
2.3 Batizado tradicional.....	26
2.4. O batizado nos dias atuais.....	27
2.5. A religião na Terra Indígena.....	30
2.6. Readaptando o evangelho.....	32
Considerações finais.....	33
Referências.....	36
Fontes entrevistadas.....	36
Bibliografias.....	36

Resumo

O trabalho de conclusão de curso é uma pesquisa realizada com os anciãos e jovens da Terra Indígena Laklãñõ. Aborda como ocorreu e como ocorre o processo de evangelização na Terra Indígena Laklãñõ e mostra como o povo Laklãñõ/Xokleng fizeram para poder manter suas crenças vivas até os dias atuais. É um assunto bem delicado, mas, que tem por finalidade trazer ao conhecimento das novas gerações um entendimento a mais na questão da crença tradicional, para que possam entender que não é pecado praticar suas crenças e rituais, pois, também são elementos importantes da cultura e que é de suma importância praticá-los. Enquanto indígena Laklãñõ/Xokleng, tradicionalmente trazemos esses conhecimentos dos quais assumimos o compromisso com os mais velhos de repassar e encontrar formas para fortalecer nossa cultura, assim, como nossos ancestrais que procuraram criar estratégias para manterem o grupo vivo.

Palavras chave: Espiritualidade Laklãñõ/Xokleng, Evangelização indígena, Etnosaberes, Ancestralidades, fortalecer a cultura.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos anciãos do povo Laklãnõ (in memória), pois sem a luta deles jamais teria a oportunidade de chegar até aqui, aos anciãos que ainda estão conosco na luta. Pois sei que somente com os ensinamentos que me foram transmitidos consegui realizar este trabalho.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a *GYNH MÕ NĚ* (DEUS) pela dádiva da vida e por ter me possibilitado chegar até aqui. Agradeço pela oportunidade de falar das crenças do meu povo, visto que muitos pensam que o povo indígena não crê em Deus, aqui fica bem claro o quanto cremos em Deus (a nosso modo) e em tudo que Ele criou. Agradecer em especial aos anciãos de meu povo, Edu Priprá, Antônio Caxias Popó (em memória) e Neli Ndili *Jõ tō*¹, minha avó, mais conhecida como *Vanhká*, por terem me ajudado com seus sábios conhecimentos. Minha avó que desde muito pequeno vem me ensinando a superar os meus medos e acima de tudo o respeito com o espírito da água e de toda a natureza.

Quero aqui deixar meus agradecimentos aos meus pais, Hilário Kluge e Izimar Coctá Ndili que sempre me incentivaram a estudar, por sempre fazerem parte desse processo desde que comecei a frequentar o pré-escolar, até os dias atuais. Sempre respeitando minhas decisões e me aconselhando, sou grato por tudo, a minha mãe você é uma mulher guerreira, minha inspiração. Agradeço a minha companheira Marília Caxias Popó que durante os últimos sete anos de minha vida, sempre do melhor modo esteve ao meu lado incentivando a nunca desistir.

Agradecer a todos da coordenação do curso de Licenciatura Indígena do Sul da Mata Atlântica, que sempre dispostos buscaram atender nossos pedidos para uma melhor estadia dos tempos Universidade. A todos os bolsistas que estiveram conosco nesses anos, ao Lauã do povo Kamaiura agradeço pelas nossas conversas que foram tão necessárias para este processo e peço desculpa por não citar outros nomes tão importantes para minha caminhada. Também agradeço a todos os professores do Curso de licenciatura com os quais adquiri conhecimentos tão importantes para minha formação, ao professor Lucas Bueno a quem tenho uma admiração e um respeito por seu trabalho e toda a sua caminhada, pessoa com quem tive a primeira orientação do que fazer durante o meu tempo de estudo, a professora Aline Ramos que tanto ajudou me no processo de construção do meu trabalho, e tantos outros que me ajudaram e incentivaram. Agradecimento em especial, a minha orientadora, minha *vágdjô*,² Walderes Cócta Priprá pessoa que

¹Jõ: Mães, avó tia, como chamavam as mais velhas da comunidade

²Vágdjô: Pessoa mais experiente

tenho uma admiração pelo seu grande conhecimento, e um respeito enorme, pois, quando todos descreditaram de mim foi a única pessoa que estendeu me a mão e me falou , eu acredito em você, e em momento algum deixou de me incentivar

Durante os meus quatro anos na UFSC tive o privilégio de ter conhecido pessoas maravilhosas as quais eu só tenho a agradecer, aos meus colegas do povo Laklãnõ, Margarete Vaicome Patté Padilha, minha prima, minha irmã ou como o grupo a chamava, a mãe de todos, que durante os quatro anos me cuidou como se fosse seu filho. Ao meu colega Acir Kaile Priprá, pessoa com quem pude conviver e conhecer, com quem tive o prazer de trocar experiência sobre nossa cultura Laklãnõ, ao Voia Ciri e Osiél Patté parceiro de muitos anos de vida. Ao povo Kaingang tenho uma imensa gratidão, pela oportunidade de conhecer um pouco a mais sobre a história do povo, ao senhor Valmir Cipriano, ancião Kaingang, um grande amigo com quem tive um grande aprendizado e um olhar diferente sobre a história dos povos indígenas principalmente na questão das estratégias dos povos do sul.

Agradeço a turma guarani a qual tenho um enorme carinho, pois sempre com as melhores palavras sabiam entender e aconselhar, ao cacique Marcos a quem tenho uma admiração enorme em seu modo de liderar sua comunidade, e, ao Leonardo por compartilharem suas experiências nas lutas das causas indígenas e a todos que aqui não menciono, mas levarei comigo por toda a minha vida.

Quero também fazer um agradecimento em especial aos estudantes indígenas dos cursos regulares da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que estiveram presentes nos últimos quatro anos e por me acolher com tanto carinho, agradeço pela vivência.

Agradeço aos meus irmãos e irmãs e todos meus familiares que sempre estiveram me apoiando e transmitindo energias positivas que me deram forças para chegar até aqui, e todos que de algum modo contribuíram para a realização de meu trabalho, que Deus possa recompensar grandemente a cada um.

“O que fazemos nessa vida ecoa na eternidade,
não basta apenas viver faça algo notável”

Bruno Leandro

Prefácio

Meu nome em LAKLÃNÕ é Vanhpõ, meu nome em português é Anderson moro na T.I LAKLÃNÕ - Aldeia Sede - município de José Boiteux, localizada no Alto Vale de Santa Catarina. No ano de 2016 ingressei na Universidade Federal de Santa (UFSC), no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata atlântica. Durante esse processo me fortaleci com a certeza do meu papel enquanto membro do povo Laklãnõ. No início do curso nos preparamos escolhendo os temas dos TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) decidi escrever sobre Minhas Crenças, Minha Religião, desde então, sinto que algo maior me deu a certeza do que fazer durante esses quatro anos. Não teve um dia em que eu não refletisse sobre esse tema, pois, a todo o momento estou em processo de aprendizagem, tanto na questão tradicional do meu povo, quanto nas questões que envolvem a situação mundial. Aos poucos pude compreender melhor a visão sobre a espiritualidade do meu povo e, pude ter a certeza de que a cosmologia Laklãnõ/Xokleng é muito forte, mesmo com o evangelho cristão dentro da T.I.

Convivendo com outros povos indígenas Kaingang e Guarani e não indígenas, tive diversas concepções de espiritualidade que me fizeram refletir sobre as crenças e as religiões dentro da TI, encontrei muitas dificuldades para pôr no papel o resultado das minhas pesquisas, mas, procurei com muito esforço palavras que pudessem mostrar a realidade vivida por muitos da minha comunidade, as dificuldades existem pois cada realidade é única seja individualmente ou enquanto grupo.

O tema é delicado, mas, minha intenção não de atingir ninguém ou nem um outro grupo, mas sim, expor o resultado da pesquisa dentro da minha comunidade na Terra Indígena Laklãnõ, pois assim como os “brancos” tiveram a sabedoria de buscar e de dar sentido à vida, meus antepassados indígenas também trazem consigo uma sabedoria sobre a vida e sobre o conhecimento milenar ,que mesmo passando por muitas dificuldade , mantiveram vivo o conhecimento e a sabedoria do nosso povo passando de geração em geração temos a missão de cumprir o dever de ajudar a repassar nossa tradição, pois, assim como os cristãos, nossa cultura também é perseguida e pior ainda o genocídio indígena acontece no mundo desde

sempre. As culturas européias, também são responsáveis por este genocídio e junto com ela vêm suas religiões, modos de vidas, que são culturas etnocêntricas.

Introdução:

Na história do Brasil temos vários documentos e relatos registrados onde o indígena foi considerado herege por não praticar a mesma religião europeia, nesse caso, tinham que ser civilizados ou aculturados, em muitos casos, muitos não se sujeitaram e foram dizimados. No sul do Brasil a luta pela sobrevivência e resistência também foi constante, no século XX o povo Laklãnõ/Xokleng, mediante uma trágica história de genocídio, luta para manter seu território frente aos avanços da colonização européia.

[...] Em 1914, depois de mais de um século de resistência frente aos não indígenas que avançavam sobre seu território, um grupo Xokleng, autodenominado LaKlãnõ, resolve aceitar contatos amistosos com os não indígenas. O encontro ocorre no Alto Vale do rio Itajaí, nas margens do rio Platê. Esta região do rio Platê era o pouco espaço que ainda restava aos Xokleng, espremidos entre as frentes de ocupação. Do Leste avançavam colonos italianos, alemães e seus descendentes, subindo cada vez mais as serras em busca de madeira e terra para o cultivo. Do Oeste avançavam fazendas e colonos. (Santos, 1973 p. 115).

Neste contexto, como aponta Santos, fica claro o envolvimento do governo na venda das terras indígenas, aos colonos, sendo reservado um minúsculo pedaço de terras aos Xokleng/Laklãnõ, cerca de 40 mil hectares. Contudo a documentação de registro destas terras foi assinada somente em 1926 e os limites estabelecidos não foram respeitados, anos seguintes, as terras reservadas foram invadidas, vendidas e negociadas com a participação ativa do Estado, representado pelos servidores do SPI que se localizavam nas terras indígenas. (DC, 2016, pág 35.).

Ainda segundo a historiografia, como relata o antropólogo Silvio coelho (1973), o povo Laklãnõ/Xokleng tinha um vasto território que se estendia no sul do Brasil, entre o planalto, o vale e o litoral brasileiro (fig. 1). Após o contato o povo foi confinado e obrigado a permanecer no local determinado, pois, sabiam que fora dali o risco era maior ainda.

Na história do povo Laklãnõ/Xokleng muito antes do contato, tinha como um ser espiritual e supremo *GYNH MÕ NË* e acreditavam na mãe natureza, na fauna e flora, isso ficava bem mais claro nos festejos de agradecimentos e rituais. Após o contato, ato conhecido como “pacificação” conforme (Almeida, 2015, p. 15) em setembro de 1914. Muitos costumes e tradições tiveram que ficar adormecidos,

pois, o povo foi obrigado a praticar outros costumes deixando de lado a sua cultura e tradição.

No ano de 1950, o evangelho cristão chega à comunidade, na *Terra Indígena Duque de Caxias*³. Nesse período o povo passava por um terrível momento, onde o famoso “pacificador” maltratava a comunidade, usando da sua autoridade. Muitas vezes membros da comunidade serviam como tiro ao alvo, quando Eduardo recebia armamentos para teste. O povo estava amedrontado, passando horrores nas mãos de Eduardo⁴. Então quando chega o evangelho cristão, o povo recebeu como uma forma de libertá-los da opressão que estavam vivendo, sem contar que todo o sofrimento causava a depressão devido ao sofrimento causado pelo “pacificador”.

Nesse estudo, viso também relatar a minha experiência com o *vãnh ve*, que são sonhos ou visões sobre a vida do indivíduo Laklãnõ/xokleng, em que espíritos de nossos antepassados ajudam a reencontrar o caminho nos proporcionando uma visão do cosmo que acontece ao adoecer ou em leito de morte, e mostrar que a participação dos anciões é o bem mais precioso, pois, eles são os maiores conhecedores da história oral do nosso povo. São os detentores do conhecimento e podem falar sobre a importância das crenças do passado e como ela ainda está presente em nosso dia a dia. Ao longo deste estudo pretendo falar sobre os pássaros sagrados e as crenças Laklãnõ/Xokleng relacionadas a essas aves sagradas, para que possam contribuir com as novas gerações, para que possam entender que a harmonia com a natureza está ligado aos elementos naturais.

³ Em abril de 1926 a terra indígena foi demarcada com um decreto do governador Adolfo Konder a área era de 20 mil hectares e foi denominada Reserva Indígena Duque de Caxias. No ano de 1965 foi oficialmente demarcada e, em 1975 recebeu o nome da Terra Indígena de Ibirama. Hoje depois de muita luta o povo conseguiu mudar o nome para T.I Laklãnõ.

⁴ Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, “pacificador”



Figura. 1 - Mapa da região Sul. Adaptado do mapa do livro: SANTOS. S. C. dos Índios e brancos, p.36,1973.

CAPÍTULO 1. Cosmologia Laklãnõ/Xokleng e o Sagrado

No século XIX, meados dos anos 1850, antes da colonização europeia, o povo Laklãnõ/Xokleng tinha um vasto território que se estendia no sul do Brasil, entre o planalto, o vale e o litoral brasileiro. Nesse período o povo mantinha viva sua cultura e tradição, cultuavam seus deuses sem medo, com a colonização, tudo muda, o povo começa a ser perseguido e morto, tudo em nome da “civilização”.

O processo de ensinamento da cosmologia tradicional Laklãnõ/Xokleng acontecia desde o nascer até o falecer. Ao nascer o novo membro do povo recebia o nome dado pelos padrinhos, parentes ou familiares, o nome escolhido fazia parte de uma crença onde o espírito de um ente querido que estava retornando para a família e para o grupo, por isso o grupo deveria cuidar muito bem para que ele não ficasse triste e fosse embora novamente. Trago aqui o exemplo do meu nome Vanhpõ, recebi este nome de meu bisavô Vanheky Pata que, ao me ver pela primeira vez falou *”ti jyjy vũ Vanhpõ vã, ênh nunhên to ãg mõi vaxika katêg vã ku mã mẽ ti tõiêl, ti tõi jũ tug, va ti kuplêg vaxika tẽ”*, (o nome dele é Vãnhpõ é meu

irmão que está voltando para nós, não briguem com ele porque o espírito dele pode ir embora de novo), a crença do retorno de um ente querido ainda é muito forte dentro da comunidade. Os ensinamentos e respeito à natureza eram passados pelos pais e pelos membros da comunidade, pois a criança indígena não tinha como pais somente seus pais biológicos, após o batizado tradicional, todos tinham o dever de cuidar e ensinar a criança dessa forma a criança crescia sabendo que a natureza tem espíritos e deve ser respeitada.

Os ensinamentos se davam desde a coleta de alguma erva para fazer remédio ou até no período da noite quando não poderiam fazer barulho pois os espíritos da floresta poderiam chegar até eles, e assim, alguém poderia acabar adoecendo e podendo estes até levar os espíritos das pessoas (morte). Em muitas outras atividades estava presente os ensinamentos a respeito da cosmologia Laklãnõ/Xokleng, a base da educação indígena estava em torno da cosmologia tradicional. Havia um entendimento entre o povo, de que havia um ser superior, por isso todo o respeito pelo o que ele criou. A história do homem Laklãnõ/Xokleng conta exatamente isso, como surgimos e como devemos nos comportar.

No início da vida a família dos *Vãjeki* (nome indígena), surgiu da água, criaram a onça e pintaram suas marcas nela e pediram para *GYNH MÕ NË* dar vida a ela. As famílias dos *Klêdo* (nome indígena), surgiram das montanhas e foram convidados a pôr suas marcas na onça, conforme desde (Popó, 2015, p. 15) As histórias contadas pelos anciãos sempre trazem a essência da vida em tudo que *GYNH MÕ NË* criou. Muitas vezes quando estavam sob ataque, *GYNH MÕ NË* permitia que houvesse transformação dos Laklãnõ/Xokleng em animais e plantas. No campo ao ouvir as histórias narradas pelo ancião Edu Priprá ele diz: *“em um dos ataques dos inimigos contra nosso povo momento da fuga, o pai de uma menina a escondeu na beira da estrada e pediu que ela ficasse com as mãos dentro de um buraco de uma árvore para que ela não fosse avistada, esta virou Amêndo (orquídea), outro homem fugiu para água e virou a zãgpõpẽ (capivara).”* Histórias como essas contadas pelos nossos anciãos, repassadas de geração em geração trazem consigo uma lição de moral e ensinamentos.

Assim como todas as sociedades o povo Laklãnõ/Xokleng também tinha sua forma de organização social onde o *kujá*⁵ era o chefe maior, um líder *pa'i* (*cacique*), que estava sempre à frente da comunidade e mantinha a comunidade unida, este por sua vez tinha ao seu lado guerreiros que estavam sempre prontos para os embates. O *kujá* era um líder espiritual, tinha um vasto conhecimento natural e sobrenatural. Era ele quem previa o presente e o futuro do povo. O *pa'i* sempre recorria ao *kujá* para saber como liderar o povo, onde caçar e como proceder mediante os fatos que viessem ocorrer dentro dos grupos.

Nos dias atuais a forma em que é composta a organização social interna da T.I Laklãnõ e através do cacicado, através de eleição, que acontece de quatro em quatro anos são eleitos nove caciques regionais e um cacique Presidente, sendo também fundamental a presença da mulher Laklãnõ/xokleng. A T.I Laklãnõ é formada por 10 aldeias, sendo 9 (nove) Aldeia Laklãnõ/Xokleng e Kaingang e 1 (uma) Guarani e tendo cada aldeia seu cacique regional que tem total autonomia para liderar sua comunidade, o cacique presidente é o líder geral da T.I assim agindo em nome da comunidade conforme as demandas do povo.

1.1. Crenças Sagradas Laklãnõ

A crença se baseia por meio da fé, quando alguém acredita em algo acontece. Por isso crença e fé estão associadas num mesmo paradigma que deu origem a religião. No passado o povo indígena foi considerado como um povo que não acreditava em Deus, foram chamados de bugres pelo colonizador, num sentido pejorativo de "insulto", "selvático", "estrangeiro", "pagão", e "não cristão".

Para quebrar esse pensamento de que indígena não tinha as suas crenças mesmo antes da chegada do colonizador, trago a história do povo. Laklãnõ que mesmo com o passar dos tempos e com o evangelho cristão dentro da T.I. Laklãnõ, muitas crenças ainda são fortes e vivas dentro da comunidade. Pois, os rituais, a música e o canto tradicional, animais sagrados, batizados, espíritos das plantas,

⁵ Bugre: é uma denominação dada a indígenas por serem considerados não cristãos pelos europeus. A origem da palavra, vem do francês *bougre*, que, significando "herético", uma noção de forte valor pejorativo

casamento, estão ligados a religiosidade e a cosmologia Laklãnõ\Xokleng tradicional. As crenças do povo Laklãnõ/xokleng por muitos anos ficaram adormecidas, apenas na memória dos anciãos, mas permaneceram vivas, fomos oprimidos pelas religiões dos colonizadores, pois, nossas práticas culturais eram vistas como diabólicas, mas hoje graças ao resgate de nossa cultura estão se retomando a prática de alguns rituais como o batizado tradicional, o casamento tradicional.

A música e o canto também fazem parte da nossa espiritualidade, através dela nosso espírito se conecta com *GYNH MÕ NĚ* nos rituais sagrados. Ela surge dependendo da situação espiritual do indivíduo, como forma de expressão no cotidiano de um ancião ou sábio ou como forma de agradecimento pela vida, pelo alimento, pelo amor, quando eram atendidos em suas preces. A música *goj bág* é um exemplo na qual foi criada em meio a distância que separava dois grandes amores, não irei descrever toda a letra do canto, mas sim fazer algumas reflexões sobre a espiritualidade presente na letra e no momento em que foi criada. Um homem em sua canoa lembra-se da sua amada, cantando ele pede proteção a ela e mais uma oportunidade para tê-la em seus braços novamente, algo irreal da música acontece quando ele canta *“goj bág tata jale”*, descendo pelo rio fazendo o som *“tata”* quando a água batia no fundo da canoa momento este em que imaginando algo do subconsciente mas tendo a certeza do que está vivenciando no momento de transe emocional e algo que irá vivenciar (estado de espírito). ẽ ũ

*“Goj bág tata jale vaha e ko jó a mẽ dó ti je ẽn vã,
 jó hô jó hô ha jé, vé nũ bág vé nũ bág ha je jé ha jé ẽn vã,
 ha je jé ha je ẽn vã, goj bág tata jale vaha e ko jó a mẽ dó ti je ẽn vã,
 jó hô jó hô ha jé, vé nũ bág vé nũ bág ha je jé ha je ẽn vã,
 ha jé je ha je ẽn vã, goj bág tata jale vaha,
 e ko jó a mẽ dó ti je ẽn vã, vaha a mẽ dó ti je ẽn vã,
 vaha e ko jó a mẽ dó ti je ẽn vã,
 jó hô jó hô vé nũ bág ha je ha je ẽn vã”.*

1.2. Aves sagradas

A Crença do povo Laklãnõ está ligada a todos os elementos naturais, por isso o reverenciamento a natureza. Segundo nossas crenças tudo tem vida pois o espírito do criador do universo está presente em tudo o que ele criou. Essa ligação com a natureza desde a invasão do Brasil foi vista como algo diabólico, nossos rituais o nosso reverenciamento aos elementos naturais sagrados, os espíritos das plantas, os pássaros sagrados e o espírito da água entre outros elementos, manter a crença tradicional era proibido pela religião do colonizador, “coisa do diabo”, Os pássaros fazem parte de nossa crença, trarei somente o nome na língua Laklãnõ, como forma de preservar os espíritos das nossas aves sagradas.

- **Kégge** (pássaro profético): Seu canto traz sorte para o nosso dia ou em algo que estamos fazendo pescando, caçando, ao ouvir esse canto a pessoa deve agradecer *ěnh kágzėj já*⁶, como forma de agradecimento. O mesmo pássaro tem outro canto conhecido como *jol* ou *blyg*, significa que teremos azar no que iremos fazer, por que algo ruim irá acontecer.

- **Hũ**: é conhecido como pássaro da morte, não é agradável ouvi-lo, pois ele está avisando que alguém próximo irá morrer.

- **Plã kulég zol**: canta quando termina a época de frutas, segundo os conhecimentos passados a nós, ele está sofrendo pedindo que o tempo passe logo e chegue novamente a nova temporada de frutas. Quando ouvimos o cantar desse pássaro devemos gritar *ěnh djo plõn kokanh ku zi, jê nũ ha blé kótánh ku* (me dê um curto espaço de tempo para que possamos comer frutas juntos), ajudando o pássaro.

- **Kógkóli**: conforme a crença Laklãnõ é o espírito do nosso kujá Kámlēm, o último kujá lembrado pelo povo, ao avistarmos ele voando e cantando devemos pedir proteção a nossa família, pois ele está avisando que alguém irá morrer devemos falar, *ãg to vãtxin* (Nos proteja) forma de pedir proteção a nós e a nossa família.

⁶*ěnh kágzėj já* – Obrigado por estar me dando sorte, forma de agradecimento

1.3 Vãnh ve - sonhos ou visões

Desde muito pequenas as crianças são ensinadas a respeitar a natureza, fauna e flora, pois é dela que vem o sustento do povo. O *vãnh ve* acontece como forma de relembrar o indivíduo do seu passado, Conforme for o comportamento da pessoa, os sonhos e visões trazem espíritos de proteção ou um espírito que guie para o caminho certo. Em uma conversa com o ancião Edu Priprá, ele conta uma de suas visões:

Na companhia de meus avós quando iam fazer a retirada de mel, o aprendizado que tive em relação de viver em harmonia com a natureza o respeito que tinham com os elementos naturais, para retirar o mel o que era preciso. Sempre via eles pedirem permissão para as abelhas, explicar o por que precisavam do mel para fazer remédio ou alimentar seus filhos assim as abelhas deixavam que retirassem o mel sem que os atacassem... sempre respeitei a natureza conforme os ensinamentos e quando vou tirar mel peço permissão... enquanto estava no hospital tive a experiência do vãnhe e quando minha filha ergueu o lençol viu ali a abelha que estava cuidando de mim, a abelha estava ali me protegendo. (Edu Priprá, Entrevista do dia 17 de abril de 2019)

Na conversa que tive com o ancião Edu, fica muito claro que quando respeitamos a natureza ela envia um de seus espíritos para nos guardar e nos proteger nos momentos difíceis.

Kóvi em seu *vãnh ve* viu como seria o futuro do povo Laktlãñõ, deitado no colo de Vacla, sua filha, ele diz: “*vejo uma cobra grande passando pela nossa terra, vejo fios no alto, vai ter muitas mudanças. Mais nem tudo será bom pro nosso povo, vocês devem ter cuidado*” As previsões de Kóvi foram exatas sobre a situação do povo a grande cobra, seriam as estradas que cortam nossas terras, os fios no alto, seria a eletricidade que chegaria na TI. Muita coisa melhorou, mas tivemos o lado ruim onde perdemos muito com a construção da Barragem Norte para contenção de

cheias no Vale do Itajaí, isso não foi bom, pois, perdemos muitas terras à margem do rio, a divisão da TI em aldeias e nossos cemitérios que são sagrados.

Nas conversas com os sábios e anciãos entendi o processo que passei quando tinha dezessete anos de idade. Sofri um acidente de moto onde tive traumatismo craniano e perfuração de pulmão fiquei hospitalizado e em coma por sete dias. Esse estado do coma parecia ser um sonho onde eu conversava com minha bisavó Aihu Paté (fig 3), mulher Laklãnõ que faleceu em 2014 com 112 anos de idade, neste sonho/visão, ela estava acompanhada de dois índios Laklãnõ os quais só tinha visto em fotos, estávamos à beira de um ribeirão de água límpida, eles me orientavam mostrando o caminho que eu deveria seguir, caminho este que a princípio era apenas uma picada que aos poucos se transformou em uma estrada e aquele ribeirão se transformou em um grande rio nele havia um grande barco cheio de pessoas do nosso povo gritando, continuei seguindo o caminho que foi se transformando e fui chegando em local onde havia um plantação de eucaliptos, continuei o caminho e mais adiante encontrei uma pequena vila de casas e em uma delas encontrei meu irmão mais novo, junto mais adiante encontramos nossos pais em uma dessas casas. Ao encontrar meus pais acordei do coma. Entendi que este foi o *vãnh ve* que passei, fui guiado para retornar a minha família e continuar a caminhada do a qual fui incumbido após receber o nome do meu bisavô.



Fig3: Aihu Paté, foto: Livro Os Índios Xokleng: memória visual. Florianópolis: UFSC, 1997.

Em uma das minhas conversas com minha professora Walderes, ela também relata sua experiência quando esteve sobre o seu vãnã ve e, também em coma após complicações de saúde. No vãnã ve ela reencontrou sua avó Melissa que o guiava e protegia dos perigos dos espíritos do mal. Sempre orientando sobre o que fazer, após algum tempo de caminhada chegaram em rio, do outro lado havia muitas pessoas fazendo festa muito felizes, foi quando sua avó entrou em uma canoa e pediu que ela voltasse pelo mesmo caminho que agora estava seguro, mas que ela deveria tomar cuidado pois os espíritos do mal estavam a sua procura e que ela deveria voltar pois haviam outras pessoas esperando por ela, momento este em que ela lembrou de seus filhos, foi quando ela acordou do coma após cinco dias. Acredito que ainda não era o tempo de o espírito dela ir embora e que ainda há muito a ser feito aqui para nosso povo através das pesquisas e dos trabalhos que ela desenvolve na comunidade.

Assim através das pesquisas realizadas percebo que como o evangelho cristão conta a passagem de Moisés que guiava o povo para sair do Egito fugindo da escravidão, vejo a vida de Kóvi, que a frente de seu povo junto com Vomble e

kámlêm, buscaram melhores condições de vida para o povo Laklãnõ e um modo de libertá-los do sofrimento causado pelo branco antes e depois do contato.

CAPÍTULO 2. Os Ritos De Passagens, O ritual de previsões na sociedade Laklãnõ/Xokleng e as interferências da colonização

Todas as sociedades mantêm um processo continuado de atividades organizadas que dá sentido à existência, são práticas que estão relacionadas aos ritos. Para isso há uma preparação física, psicológica e/ou espiritual e para que isso aconteça usa-se uma forma de linguagem e expressão corporal. Desse modo praticar os ritos trás força e o sentido a existência.

2.1. O ritual de previsão *Kóplág*

Além do canto e das aves sagradas, o povo Laklãnõ/Xokleng, realiza o *kóplág*. O *Kóplág* é um ritual feito para ter previsões de acontecimentos. No passado quem fazia esse ritual de previsão era somente o *kujá* da comunidade que tinha habilidades de lidar com o sobrenatural. Quando havia escassez de alimento o líder da comunidade recorria ao *kujá* para ver se teriam sucesso na caçada ou saber algo que aconteceria com o povo. Por muito tempo o ritual do *kóplág* não foi realizado dentro da comunidade devido a: (1) Proibição; (2) morte do *kujá* e (3) o evangelho cristão.

(1) **Proibição:** Após o contato em 1914 o povo Laklãnõ foi massacrado obrigado a falar outra língua, foram proibidos de realizar cerimônias de casamento e de perfuração de lábios, suas rezas, danças e rituais tudo que era de suma importância para o povo teve que ficar adormecido na prática, mantido vivo na memória, conforme registra Almeida (2015, ano e página), assim sendo contado para os mais novos para que o conhecimento não viesse se a perder com o tempo.

(2) **Morte do *kujá*:** é o membro da comunidade ensinado/treinado, pelo *kujá* mais velho, desde pequeno para se tornar o *kujá*, este por sua vez só assume depois da morte do *kujá* mais velho. O último *kujá* do povo Laklãnõ (Kamlem) morreu logo

após o contato deixando seus aprendizes ainda pequenos. A morte de Kamlem foi a consequência da desobediência de seus filhos, e no momento da sua morte ele diz que eles eram os culpados por desobedecer a sua ordem e por isso seriam punidos. A punição lançada foi que os filhos de Kamlem não poderiam pôr o nome do pai em seus filhos, pois, eles não viveriam até a idade adulta e os filhos que desobedeceram à ordem do kujá não viveriam vida por muito tempo, não iriam chegar a ser ancião da comunidade.

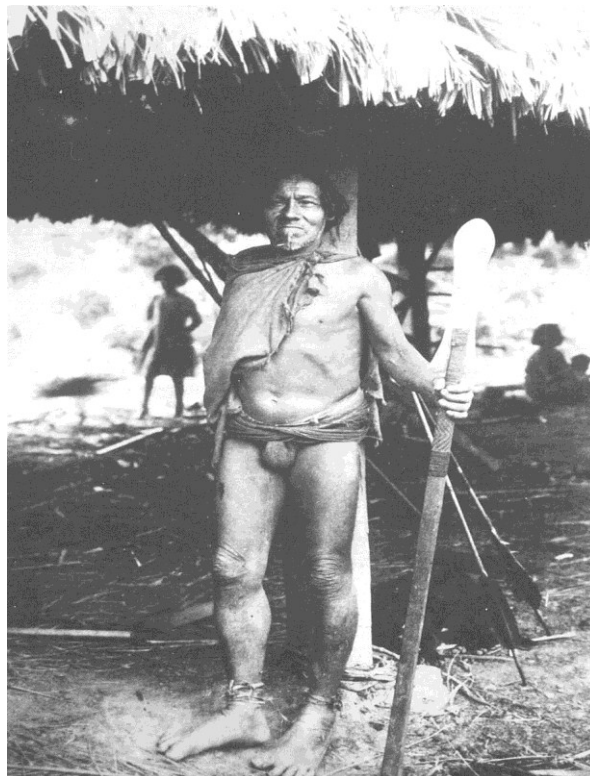


Foto 1: kámlêm, último kujá do povo Laklãnõ. Foto: Livro Os Índios Xokleng: memória visual. Florianópolis: UFSC, 1997.

(3) **O evangelho cristão:** O cristianismo chega na T.I. por volta da década de 1950 e naquele momento é visto como socorro, mas, que depois assume o papel de acabar com o pouco que ainda restava da cultura Laklãnõ. Antes disso, o primeiro contato do povo Laklãnõ com a igreja foi na década de 1920, segundo Santos,

Responsável pela paróquia polonesa do Alto Paraguaçu. [...] O padre foi informado pelo pacificador que, devido ao regulamento do Serviço de Proteção aos Índios, não poderia favorecer a conversão dos indígenas para esta ou aquela religião. Mas o Kaingang Preié, que acompanhara Hoerhan nos primeiros anos de contato, foi indicado para colaborar com o padre Komíneck. Devido a isto, algum

tempo depois o padre organizava uma segunda expedição ao Posto. Durante essa estada o padre realizou o batismo de 98 índios (SANTOS, 1973, p. 271)

Mas o padre não foi bem-sucedido, pois em toda sua ida para a aldeia não conseguiu adeptos para dar continuidade ao seu trabalho e ainda trouxe mais problemas para dentro da terra indígena. Porque os indígenas aproveitavam os raros momentos permitidos para sair da aldeia e ir para a igreja e na verdade começaram a frequentar os bares locais para beber, já que beber não era visto como pecado perante a igreja católica. “No ano de 1928, Hoerhan reclamava dos habitantes dessas colônias do alto da serra, pelos vícios que haviam incutido nos silvícolas [índios]” (SANTOS, 1973, p. 273).

Na década de 1950 começaram a aparecer as igrejas evangélicas, dentre elas a igreja Assembléia de Deus, que devido ao movimento de cultos diários ganhou muitos adeptos. Hoje o povo Laklãñ/Xokleng é, majoritariamente praticante de cultos pentecostais. Encontraram na religião e [...] na relação estabelecida com os “irmãos crentes” brancos, os Xokleng, pela primeira vez conseguem relacionar-se com os brancos e seu mundo de forma horizontal e não vertical. (WIJK, 2004, p. 162). Fascinados pela nova religião o povo começa a seguir aquela doutrina que condenava suas crenças, passaram a acreditar que o pouco que ainda restava das crenças na prática tinha que ser esquecida, mas contavam aos filhos somente como uma história que não poderia ser repetida, pois era tida como “diabólica”.

O conhecimento sempre foi passado de geração para geração. Muitos anciãos aprenderam muitos rituais, outros somente ouviram porém tinham medo de praticar por serem evangélicos, mas, com um projeto de pró revitalização de nossa cultura, língua e tradição alguns anciãos virão à importância de ensinar na prática alguns jovens da comunidade. No ano de 2016 motivado por projeto das escolas indígenas Vanhecú Patté e Laklãñ escolas situadas dentro da T.I., desenvolvido com o apoio da Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE), dois anciãos, senhor Edu Priprá e dona Neli Ndili mostram na prática como se faziam as previsões. Os detalhes do procedimento não podem ser descritos, pois, são segredos e devem ficar somente dentro da comunidade. Mais o resultado final foi à visão de um grande acontecimento dentro da T.I. Laklãñ que iria abalar muito a comunidade e que iria unir todas as aldeias segundo o ancião no dia do ritual seu corpo estava muito

dolorido e que aquele ritual havia sido muito pesado espiritualmente, perguntei se ele poderia contar o que viu no ritual, ele disse, “*Não posso contar detalhes do ritual, mas, te digo que irá acontecer uma grande tragédia com um membro muito importante do nosso povo*”, realmente, meses após essa visão perdemos um membro da nossa comunidade muito importante e influente para o nosso povo e que estava diante das lutas das causas indígena, um guerreiro, que estará para sempre em nossa memória .

Após o kóplág realizado a comunidade presente vê a importância de voltar a ensinar nossos rituais sagrados. A religiosidade europeia é deixada de lado, mediante a uma importância de pró revitalizar nossos rituais.

Os conhecimentos sobre as crenças e rituais são importantes e não podem ser esquecidos ou deixados de lado, por preconceito ou medo, pois são esses conhecimentos e estratégias que mantiveram vivo nosso povo antes da invasão do Brasil e até mesmo da colonização no sul do país. Muitos rituais eram realizados para saber locais de caça, e também como uma espécie de mapa, onde aparecia os melhores caminhos para a busca de alimentos. Segundo o ancião Veitchá Priprá, foi no ritual do *Kóplág* que kámlēm viu o destino do povo se continuassem na mata, foi por esse motivo que ele (kámlēm), *Kóvi* e *Vomble* decidem reunir o pouco dos indígenas sobrevivente e fazer uma aliança com o homem “branco”. Antonio Caxias Popó (em memória) contava com saudade e admiração, que ainda jovem ouviu e viu dos anciãos que saíram do mato, cantar com saudades do tempo passado, cantando eles fizeram o ritual do *kóplág* para mostrar como acontecia no mato.

Seu Antônio foi evangélico toda a vida, regente de coral, mas, antes de tudo foi uma das lideranças mais antiga quando faleceu em 2019 com setenta e um anos de idade, sempre disposto a repassar a cultura adiante para quem estivesse disposto a conhecer. Um grande conhecedor da nossa história por ter vivido com muitos anciãos que saíram do mato. Vi a preocupação estampada no rosto do senhor Antônio quanto falava de nossas crenças e questionava que nossos jovens não se importavam em se aprofundar nos conhecimentos tradicionais Laklãnõ, mas a esperança dele era que alguém de algum modo teria que fazer eles se interessarem e ainda dizia: “*pois esse conhecimento é o que nós somos...Laklãnõ*”

2.2. Vãnhkomã: Ritual do Luto

Vãnhkomã é um ritual do luto da mulher Laklãnõ, é um período em que as mulheres Laklãnõ após a morte de seu marido se retiravam do grupo e do acampamento e se isolavam a distância de 50 metros ou mais, pois era um momento em que ela carregava sentimentos negativos então era considerada impura. O tempo determinado para o *vãnhkomã* dependia muito das marcas familiares (fig. 4). Cada marca tinha seu modo de *Vãnhkomã*, os *vãnh mẽ kunhken* faziam o *vãnhkomã* de 45 dias, os *vãnh mẽ kalem* ficavam 60 dias, os *vãnh mẽ topágke* passando um período 60 dias no *vãnhkomã* e as mulheres da família *vãnh mẽ vin* passavam seis meses no *vãnhkomã*.

As pinturas Laklãnõ/Xokleng são marcas familiares, usadas como sobrenome, por tanto, não era permitido uma união (casamentos) da mesma marca. Pelas marcas as famílias eram identificadas. O *vãnhkomã* acontecia de acordo com as marcas familiares.




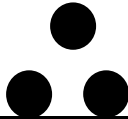
Símbolos das Marcas	Nomes das marcas	Período
	Vãnh mẽ kalem	60 dias
	Vãnh mẽ kunhken	45 dias
	Vãnh mẽ topagke	60 dias
	Vãnh mẽ vin	Seis meses

Figura 4: Tabela com as marcas familiares

Nesse período o homem mais próximo do marido falecido, amigo ou parente, cuidava da mulher levando alimentos e, se porventura, este homem tivesse condições de cuidar de mais uma mulher ele poderia tomá-la como esposa após o período do vānhkomã. Nesse caso o homem Laklãnõ podia casar com duas ou mais mulheres dependendo da sua condição “econômica” e fama dentro da comunidade. Quando este homem falecia todas as suas mulheres faziam o vānhkomã, nesse período as mulheres eram ajudadas pelo grupo na questão dos alimentos e no que fosse preciso para a sobrevivência das mesmas. Se porventura o amigo ou parente do falecido não se casasse com a viúva depois do vānhkomã, ela estaria livre para se casar com outro membro da comunidade.

2.3 Batizado tradicional

O batizado tradicional é um ritual realizado para inserção da criança indígena no convívio social da comunidade momento “este onde vários do grupo comemoravam dançando e bebendo o mōg uma bebida tradicional feita a partir de mel, água e xaxim”, conforme também registra (Almeida, 2015, p. 25). O batizado dava-se logo após o nascimento da criança entre vinte quatro luas cheias (aproximadamente três meses). A cerimônia era realizada por quatro anciãos anciães, mas o ritual só era feito por mulheres. Para a realização do batizado os anciãos preparavam-se espiritualmente, faziam um cordão de embira, o qual seria colocado na perna da criança enquanto era enrolado esse cordão, era feita uma oração abençoando e assim mostrando qual caminho a criança iria seguir durante sua vida preparando seu espírito.

Após o contato de 1914 o povo Laklãnõ foi proibido de realizar suas cerimônias e rituais, pois eram vistas como diabólicas. Na década de 1930 a pedido do antropólogo Jules Henry, antropólogo americano, Eduardo permite a realização de uma cerimônia de batizado e perfuração de lábios somente para registro (fig. 5).

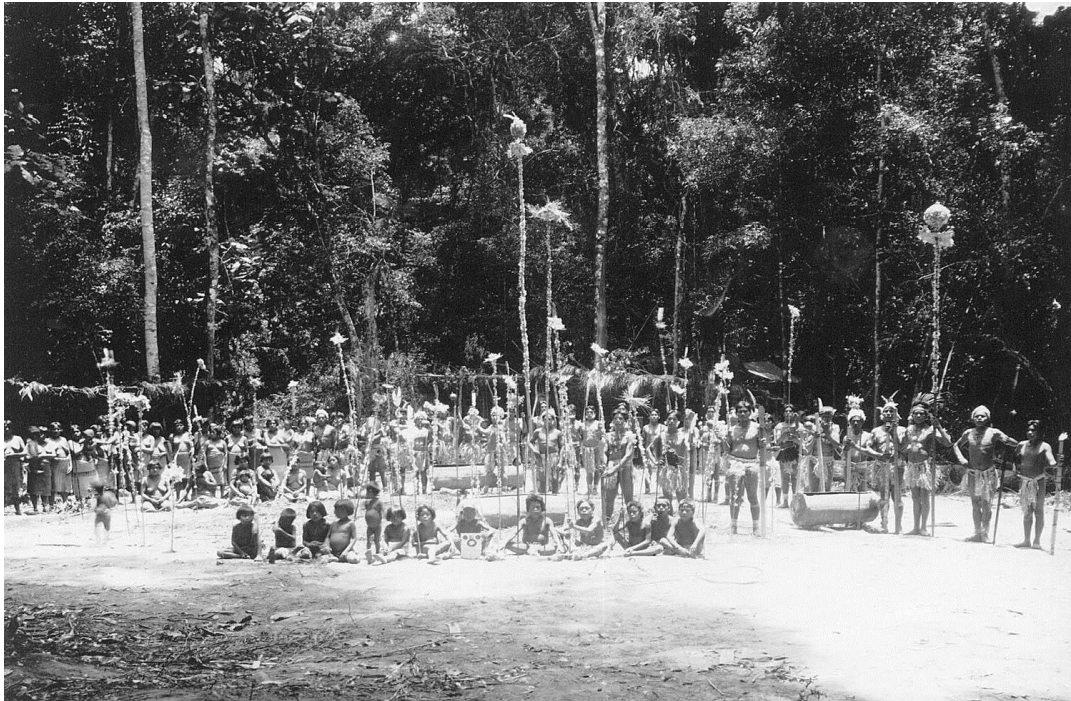


Imagem 2: 5 Última cerimônia realizada na década de 1930. foto: Livro Os Índios Xokleng: memória visual. Florianópolis: UFSC, 1997.

Na década de 1990 e nos anos 2000 a comunidade escolar percebe a importância de registrar a memória dos anciãos e sábios, inicia-se um trabalho de resgate da língua materna Laklãnõ e de suas histórias, contadas através de peças teatrais, realizadas por alunos das escolas da T.I. Para a realização deste trabalho os professores fizeram entrevistas com os anciãos e anciãs da T.I. algumas semanas antes, coletando histórias e assim transformar as histórias narradas em peças teatrais.

2.4. O batizado nos dias atuais

Nos dias atuais com o predomínio da religião evangélica os convertidos ao evangelho são batizados em águas e a idade mínima é de 12 anos, pois segundo a doutrina, essa é a idade que o indivíduo conhece o bem e o mal. A criança ao nascer é apresentada a Deus, pois, não tem o discernimento para escolher se quer ou não descer às águas batismais e não faz uso da razão. Segundo a doutrina cristã, o descer às águas simboliza um ato de renúncia do pecado e purificação do pecado e, uma vida dedicada a cristo declarando sua esperança na vida eterna

tornando-se membro de Cristo. Por muito tempo a comunidade se apegou a essa crença e não faziam nenhum esforço para voltar a praticar o batismo tradicional, contavam para as crianças, somente para não esquecer, mas, alertavam que era pecado voltar a praticar esse ritual pois, era “diabólico” reviver esse passado.

Graças à luta e a resistência de professores e membros da comunidade que viram e vêem a importância de voltar a praticar nossas crenças, nossa cultura e tradição, muitos elementos culturais estão sendo recuperados e praticados, como a produção do *mõg*, (bebida sagrada), registrado no trabalho de conclusão de curso de Almeida (2015, p . 21). Também o ritual do kóplág (Projetos das escolas da TI), o casamento e o batizado tradicional, este último que recentemente foi realizado depois de 40 anos.

O batizado tradicional do povo Laklãnõ foi realizado na Terra Indígena Laklãnõ - Aldeia Bugio, no dia 28 de setembro de 2019. Onde a anciã Vanhká, Neli Ndili (Fig. 6) realizou a cerimônia do batizado tradicional. A anciã estava muito feliz por lembrar um dos momentos mais significantes para o povo. Pois era nesse momento que a criança era inserida no meio da comunidade e todos partilhavam da responsabilidade de cuidar do crescimento daquela criança. Na cultura do povo Laklãnõ não tem um nome específico para falar tio, tia, avô e avó, apenas *jug* (pai) e *jõ* (mãe) pois pela forma da criação das crianças havia um grande respeito e consideração por todos do povo. A criança batizada neste dia foi Júplu Gael Priprá (fig. 7), filho de Walderes Coctá Priprá, mestrandia em história e pesquisadora dentro de nossa Terra Indígena. A cerimônia ocorreu na calada da noite com a presença de muitos convidados, cacique da aldeia, membros da comunidade e não indígenas. A ansiedade era nítida nos olhares, pois só tínhamos visto através de peças teatrais realizados nas escolas. Após a cerimônia dona Neli recomenda a mãe do menino, que o cordão colocado na perna direita (fig. 8) do menino não pode ser retida, pode ser trocada na medida que o menino cresce, mais esse será o símbolo que após mais de 40 anos, o povo revive esse momento histórico novamente.



Imagem 6: Anciã Vanhká Neli Ndili, trançando o presente do menino Laklãnõ, a ser batizado, no primeiro batizado Laklãnõ após mais de 40 anos. foto: Jaciara K P de Almeida.



Imagem. 7: Júplu Gael Priprá, primeiro menino Laklãnõ batizado tradicionalmente após mais de 40 anos. foto: Elisama I. Priprá de Almeida, 2019



Fig. 8: Júplu Gael Priprá, primeiro menino Laklãnõ batizado tradicionalmente após mais de 40 anos. Foto: Elisama I. Priprá de Almeida, 2019.

2.5. A religião na Terra Indígena

O ano de 1914 foi um marco muito importante para o povo Laklãnõ, pois o povo não aguentava mais ver o extermínio de seus entes queridos. Ao contrário do que muitos pensam, o ato conhecido como “pacificação”, não foi realizado por Eduardo, foi realizado pelos Laklãnõ logo após uma grande conversa, sendo liderada por Kovi, Vomble e Kamlem (*kujá*). Os líderes perceberam que não iriam sobreviver por muito tempo no mato, devido à expansão da colonização em seus territórios. Viram que a única chance que tinham de sobrevivência seria apertar a mão do homem “branco”. Mas a esperança de manter o povo salvo da morte, foi sucumbido, pelo sofrimento do povo em um cativeiro de miséria e maus tratos.

Nos anos de 1950, com a visita constante de um pastor evangélico na T.I., muitos membros da comunidade vêem a oportunidade que precisavam para sair da situação a qual estavam passando. A miséria e maus tratos desencadearam vários

problemas principalmente o alto índice de consumo de bebidas alcoólicas. Seguir a religião evangélica poderia evitar danos maiores como, por exemplo, o extermínio total do povo Laklãnõ. Na época a religião evangélica entrou como forma de ajudar o povo, mas com o passar do tempo à disciplina rígida e opressiva leva a perda, do pouco da cultura que ainda restava.

Em uma entrevista com a professora Vilma Couvi Patté, ela relata como está a sua crença tradicional frente à religião ocidental:

“percebe-se que a religião tem uma força muito grande em relação a nossa crença; uma vez que 90% frequentam a igreja e ela tem ajudado muitas famílias com problemas. nossa crença está viva na memória dos mais velhos e alguns que ainda as praticam, mas ela aparece mais somente em dias festivos ou em apresentações em dias culturais. olhando por esse lado a religião é sim mais forte na atualidade na comunidade indígena”. (Vilma Couvi Patté novembro, 2019) Analisando a fala da professora, comecei a refletir que a entrada do evangelho na terra indígena, se por um lado ajudou o povo a sair das mãos de Eduardo, das maldades causadas por ele, por outro, não trouxe a solução esperada sobre o alcoolismo. “ Mas ainda no presente o consumo de bebida continua sendo a forma de escape, visto que nas comunidades não há espaços para lazer e a única forma de” lazer” ou de refúgio dos jovens é reunir-se com colegas para jogar futebol e tomar cerveja ou outra bebida mais forte. Os que optam por frequentar a igreja carregam consigo o medo de não poder praticar suas crenças tradicionais, por acharem pecado. Isso ocorre principalmente com as pessoas mais velhas. Na Terra Indígena Laklãnõ, segundo minha pesquisa é possível dizer que apenas 10% da comunidade não frequenta uma igreja, entretanto no presente, em tempos de retomada dos costumes antigos, já ajudam nas festividades, as vezes indo contra as doutrinas das igrejas.

“Nossas crenças foram substituídas pela religião dos brancos”, dizia a anciã Vanhká Neli Ndili, com lágrimas nos olhos. Após várias conversas e entrevistas, percebi que o povo Laklãnõ se adaptou ao evangelho devido às suas aproximações no modo de pensamento, o respeito com tudo o que Deus criou e amor pelo próximo e outras características como a previsão/visões, no evangélico conhecido como profecias, na crença Laklãnõ, o *koplág* ritual para ter previsões de tempo e acontecimentos. os evangélicos seguem uma disciplina de harmonia com pessoas e

tudo que Deus criou, o mesmo sentido da crença Laklãñõ, viver em harmonia com a natureza

O europeu no passado dizia que não conhecíamos Deus, que éramos hereges, selvagem e que deveriam nos exterminar ou nos integrar a sociedade “civilizada”. Mais nossas crenças e rituais é que nos levam mais perto de Deus. No caso, do povo Laklãñõ, vê semelhanças entre o evangelho cristão e nossas crenças, isso levou o povo a seguir o evangelho e readaptar, para não perder suas crenças e por motivos de sobrevivência como alertamos ao longo do texto. Não devemos ter a religião como status social para nos promover, mais sim para ajudar as pessoas que necessitam. Fora da aldeia pude ver a realidade vivida por muitas pessoas, violências e a intolerância o descaso com os direitos humanos, pessoas que se dizem ser evangélicos aproveitam do status para disseminar ódio e dizem ser civilizados. Nossa crença não permite que sejamos ou agimos desse jeito, porque tudo isso diz respeito ao amor ao próximo, respeitar tudo que Deus criou.

2.6. Readaptando o evangelho

Na atualidade aproximadamente 90% do povo Laklãñõ é convertido a religião evangélica, os cultos nas aldeias têm uma intensidade espiritual muito forte, devido a sensibilidade por natureza. Ao analisar os cultos evangélicos na T.I. e os cultos evangélicos fora da T.I é visível uma diferença, a readaptação da religião, a preocupação em questão a cultura, ambas precisam de uma preparação espiritual para sentir a graça e o poder de Deus para ter um melhor entendimento. Então como na cultura Laklãñõ o princípio da vida é o respeito por tudo que Deus criou seja físico ou espiritual, o mesmo princípio da religião evangélica, adoração, a Deus e a toda sua criação.

O processo de pró-revitalização⁷ da língua, da cultura e da nossa tradição iniciou na década de 1990, momento este onde o povo Laklãñõ percebe a necessidade de achar estratégias para o fortalecimento da cultura para que conseguíssemos fazer uma reviravolta na situação cultural do povo. No inícios ainda

⁷ pró-revitalização: termo usado no inícia da década de 1990

muito tímidos começam a falar (Pregar, ministrar, orar nas igrejas), cantar e até mesmo compor músicas evangélicas na língua Laklãnõ e, tantas outras ações nesse sentido nota-se que essas transformações na religião é que atraem mais seguidores indígenas. Hoje já existem muitos pastores e cantores indígenas, que estão à frente dos trabalhos. Assim como na educação estamos readaptando o evangelho ao nosso modo de ver, e eliminando aos poucos aquela postura opressora do evangelho.

Um fator muito importante para essa interlocução entre as religiosidades, ocidental e tradicional, é devido a flexibilidade de nossos anciãos, pois, mesmo sendo convertidos ao cristianismo, mantém a missão de repassar todos os conhecimentos tradicionais adiante, mantendo a fidelidade a cultura Laklãnõ desse modo a cultura permanece viva

Considerações finais

Durante o tempo dedicado ao tema Minhas Crenças, Minha Religião percebi ao longo desse processo o quanto nossa cultura Laklãnõ permanece viva, apesar de toda opressão causada pelas religiões presentes na terra indígena após o contato com o não indígena. Nota-se que nossos anciãos com todas as suas sabedorias sempre souberam o que fazer e como fazer para resistimos e existir dentro dessa sociedade, que tenta a qualquer custo nos silenciar.

Muitos anos se passaram desde que a invasão no Brasil aconteceu, esse momento ficou conhecido como “descobrimento”, que desencadeou conflitos entre os povos que partilhavam a cultura e os modos de vida distintos, na qual os europeus escravizaram e procuram cristianizar os povos indígenas. Muitos se renderam, os que não se renderam foram exterminados. No ano de 1914 o povo Laklãnõ, vendo que estavam cercados pelo chamado “progresso”, decidem se render para não ver o povo ser dizimado pelos bugreiros⁸ e pelo conflito com os colonos. Mas mesmo após o contato, o povo quase foi dizimado, tiram tudo que tínhamos nos proibiram de cultuar nossos deuses, mas esqueceram que “enquanto

⁸Bugreiros: Conhecidos como caçadores de índios e atuaram de 1836 até o início do século XX. Também chamados de “Patrulhas de Bugreiros”, cujo objetivo era afugentar os bugres (índios).

houver um Laklãnõ vivo, uma cultura inteira viverá com ele” conforme também registra (Carlan Patté, 2016). Através da oralidade passada de geração a geração mantivemos a cultura e a tradição viva, ainda que por muito tempo silenciado na memória de nossos velhos.

Tradicionalmente trazemos esses conhecimentos dos quais, desde criança somos ensinados, e quando adultos assumimos o compromisso de repassar e encontrar formas para fortalecer nossa cultura, assim, como nossos ancestrais que procuram criar estratégias para manterem o grupo vivo. Desse modo seguimos a tradição Laklãnõ, ao darmos o nome de um ente querido, a uma criança que nasce ela carregará as características daquela pessoa e continuará a caminhada, conforme a nossa crença. A música, o canto e muitos elementos culturais que são passados oralmente, hoje muitos já estão colocando em prática para que as crianças possam ouvir e ver como era no passado. A crença nos pássaros ainda é muito viva em nosso meio. Reafirmo com certeza que a cultura Laklãnõ está viva, diferente do que muitos “brancos” dizem por não terem esse conhecimento e está vivência ou mesmo por puro preconceito e ignorância.

A ligação com a natureza e com nossa ancestralidade não é rompida pela religião do branco, ao manter a crença nos pássaros sagrados, e ao manter o respeito pela natureza, na questão do nome tradicional mantemos nossa a tradição, e buscamos cada vez mais o fortalecimento cultural de nosso povo.

Ao analisar a definição de religião percebo que a religião cristã, católica, e tantas outras que creem em um Deus, da mesma forma afirmo que o povo Laklãnõ tem a sua religião, suas crenças tradicionais, mas, difere apenas por ser algo específico do povo. Outra diferença é o sistema político utilizado por ser algo público (pastor, evangelista, presbítero e outros), dentro da nossa história somente o *kuja* tem o poder de mediar o povo. A história de opressão aos povos indígenas e as suas crenças, me levou a vários questionamentos sobre a religião dentro da Terra Indígena Laklãnõ, os ensinamentos que tive com os pastores evangélicos e com os anciãos me fazem rever o modo de ser Laklãnõ, para conseguir falar sobre o tema tive que me preparar de todas as formas, psicológica, física e espiritual.

A forma espiritual e psicológica que encontrei foi pedir aos meus amigos e colegas que realizassem um ritual para me acalmar, pois estava fora aldeia no campus da universidade, no ritual foi usado a aplicação do rapé, do povo Apurinã, a reza com fumaça do petyngua do povo M'bya Guarani, ritual realizado por Solange kaingang uma grande conhecedora das culturas kaingang e M'bya Guarani, a guardiã do mōg Walderes Cόcta Pripra e Sέrgio M'bya guarani e Laura do povo Parintintin. O ritual me trouxe paz e segurança para poder apresentar meu trabalho

Durante as pesquisas tive a oportunidade de conhecer vάrios locais considerados sagrados para nosso povo. Sāo locais de memόria que aparecem muito nas histόrias contadas pelos nossos anciōes, ao visitar alguns locais percebo o quanto ę importante preservar esses locais, e na conversa com alguns jovens a preocupaçaō deles para manter esses locais, nāo sό na memόria, mais levar as crianęas para terem essa experiēncia e saber por que estes locais sāo importantes tanto para o presente quanto para o futuro.

Referências

Fontes entrevistadas

PRIPRÁ, Edú, 69 anos . Depoimento, de abril de 2019, Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Plipatol, José Boiteux - SC. Entrevistador: Anderson R Kluge

NDILI, Neli Vanhká, 78 anos Depoimento, 2018, Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Sede, José Boiteux-SC. Entrevistador: Anderson R Kluge

POPÓ, Caxias Antônio 71 anos (em memória). Depoimento, 2017 Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Figueira, Vitor Meireles-SC: Entrevistador: Anderson R Kluge

PATTÉ Couvi Vilma 40 anos. Depoimento, de novembro 2019 terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Figueira, Vitor Meireles-SC: Anderson R Kluge

PATTÉ, Carlan 22 anos - Depoimento, 2016, Universidade Federal de Santa Catarina

Bibliografias

BRIGHENTI, Clovis e OLIVEIRA, Osmarina. Espaço, memória e territorialidade: as terras indígenas em Santa Catarina. Cadernos do CEOM, Chapecó, Ano 20, nº 27, p. 1-24. 2007

SANTOS, Sílvio Coelho dos. Índios e brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Edeine, 1973.

_____ Os Índios Xokleng: memória visual. Florianópolis: UFSC, 1997

ALMEIDA, Pripra Coctá Walderes. O mōg como instrumento pedagógico na educação escolar indígena: Uma experiência Laklãnõ/Xokleng, trabalho de conclusão de curso. Florianópolis: UFSC, 2015

HENRY, Jules. A Kaingang Text. International Journal of American Linguistics, Chicago, v. 8, n. 3/4, p. 172-18, 1935.

_____. Jungle people. A Kaingáng Tribe of the Highlands of Brazil. New York: Vintage Books, 1964. (1. ed. 1941.)

POPÓ, Caxias Carli. Cosmologia na visão Xokleng, Trabalho de Conclusão de Curso. Florianópolis: UFSC, 2015. WIJK, Flávio B. O evangelho transformado: apropriações Xokleng (Jê) do cristianismo pentecostal. In: WRIGHT, R. M. (Ed.). Transformando os deuses: igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004. v. 2, p. 141-168.

NOTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; OPPITZ, Gabriela ; ROSA, Helena Alpini ; MAIA, Iracema de Souza ; SILVA, Jeniffer Caroline da ; REIS, Lucas Bond ; MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva ; BRINGMANN, Sandor Fernando ; SALVARO, Talita Daniel; BRIGHENTI, C. A. . LABHIN-10 ANOS CONSTRUINDO A ETNOHISTÓRIA. 2008. (Exposição).

Hoffmann, Kaio Domingues: Música, Mito e Parentesco: uma etnografia Xokleng. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

TISS FRANK E SASS WALTER; Um só Deus Criador. Diálogo intercultural e inter-religioso com povos indígenas- CADERNOS DO COMIN-VOL. 11.

POLLAK Michael, MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL-Estudo Histórico, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Povos_ind%C3%ADgenas_do_Brasil

WITTMANN, Luisa Tombini. O vapor e o botoque. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007

GAKRAN, Nanblá. Estudo da Morfossintaxe da Língua Laklänõ (Xokleng) Jê. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2005.

DC Diário catarinense, sábado e domingo 25 e 26 de junho de 2016 pág. 35